



## EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO CONTEXTO DA ENFERMAGEM: UMA ABORDAGEM NECESSÁRIA PARA A SAÚDE INCLUSIVA

**Resumo:** A educação antirracista é fundamental no campo da enfermagem, pois promove práticas de saúde mais justas e inclusivas. Esse enfoque reconhece que o racismo estrutural e institucional influencia negativamente o acesso à saúde, a qualidade do atendimento e os desfechos para grupos raciais historicamente marginalizados. A formação de profissionais de enfermagem com perspectiva antirracista é crucial para combater preconceitos, discriminações e desigualdades. O objetivo foi relatar a importância da educação antirracista na enfermagem, abordando os desafios e propondo estratégias para sua implementação. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. A busca pelos estudos se deu nas bases de dados SciELO, LATEINDEX, REDIB, BDEF. Foram considerados critérios de inclusão, artigos publicados entre 2016 e 2024, disponíveis na íntegra em língua portuguesa. Uma abordagem antirracista promove a valorização da diversidade cultural e do conhecimento tradicional, contribuindo para uma relação mais empática e humanizada. No contexto da enfermagem, a educação antirracista é essencial para a formação de profissionais comprometidos com a justiça social e o direito universal à saúde. Descritores: Letramento Racial, Enfermagem, Racismo, Educação Antirracista.

### Anti-racist education in the context of nursing: a necessary approach for inclusive health

**Abstract:** Anti-racist education is essential in the field of nursing, as it promotes fairer and more inclusive health practices. This approach recognizes that structural and institutional racism negatively influences access to health, quality of care, and outcomes for historically marginalized racial groups. Training nursing professionals with an anti-racist perspective is crucial to combat prejudice, discrimination, and inequalities. The objective was to report the importance of anti-racist education in nursing, addressing the challenges and proposing strategies for its implementation. This is an integrative literature review. The search for studies was carried out in the SciELO, LATEINDEX, REDIB, and BDEF databases. The inclusion criteria were articles published between 2016 and 2024, available in full in Portuguese. An anti-racist approach promotes the appreciation of cultural diversity and traditional knowledge, contributing to a more empathetic and humanized relationship. In the context of nursing, anti-racist education is essential for the training of professionals committed to social justice and the universal right to health. Descriptors: Racial Literacy, Nursing, Racism, Anti-racist Education.

### Educación antirracista en el contexto de la enfermería: un enfoque necesario para una salud inclusiva

**Resumen:** La educación antirracista es fundamental en el ámbito de la enfermería, ya que promueve prácticas sanitarias más justas e inclusivas. Este enfoque reconoce que el racismo estructural e institucional influye negativamente en el acceso a la atención médica, la calidad de la atención y los resultados para los grupos raciales históricamente marginados. La formación de profesionales de enfermería con una perspectiva antirracista es crucial para combatir los prejuicios, la discriminación y las desigualdades. El objetivo fue informar la importancia de la educación antirracista en enfermería, abordando los desafíos y proponiendo estrategias para su implementación. Esta es una revisión integradora de la literatura. La búsqueda de estudios se realizó en las bases de datos SciELO, LATEINDEX, REDIB, BDEF. Los criterios de inclusión fueron artículos publicados entre 2016 y 2024, disponibles íntegramente en portugués. Un enfoque antirracista promueve la valoración de la diversidad cultural y los conocimientos tradicionales, contribuyendo a una relación más empática y humanizada. En el contexto de la enfermería, la educación antirracista es fundamental para la formación de profesionales comprometidos con la justicia social y el derecho universal a la salud. Descriptores: Alfabetización racial, enfermería, racismo, educación antirracista.

#### Luiz Faustino dos Santos Maia

Enfermeiro. Jornalista. Escritor. Pesquisador. Editor Científico. Mestrado em Ciências da Saúde e Terapia Intensiva. Especialista em Saúde Coletiva e Saúde da Família; MBA em Inovação e Empreendedorismo; Liderança e Coaching na Gestão de Pessoas. Diretor Executivo no Instituto Enfservic. Coordenador e Docente de Curso de Graduação em Enfermagem na Faculdade Estácio de Carapicuíba. Docente no Centro Universitário Estácio de São Paulo. Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN).  
E-mail: [dr.luizmaia@yahoo.com.br](mailto:dr.luizmaia@yahoo.com.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6551-2678>

Submissão: 14/09/2024

Aprovação: 04/12/2024

Publicação: 26/12/2024



Como citar este artigo:

Maia LFS. Educação antirracista no contexto da enfermagem: uma abordagem necessária para a saúde inclusiva. São Paulo: Rev Recien. 2024; 14(42):808-817. DOI: <https://doi.org/10.24276/rrecien2024.14.42.808>

## Introdução

A educação antirracista vem ganhando destaque em diversos setores da sociedade, incluindo o campo da saúde. No contexto da enfermagem, a formação de profissionais sensíveis às questões raciais é essencial para promover um cuidado equitativo e humanizado. Este artigo discute a importância da educação antirracista na enfermagem, abordando os desafios e propondo estratégias para sua implementação.

O racismo estrutural impacta de maneira direta os fatores sociais que afetam a saúde, como a disponibilidade de educação, habitação, alimentação e assistência médica. Comunidades negras, muitas vezes, são as mais prejudicadas pelas disparidades, resultando em indicadores de saúde mais desfavoráveis. Pesquisas indicam que indivíduos negros são mais propensos a receber serviços de saúde de qualidade inferior, mesmo quando têm condições de saúde comparáveis às de indivíduos brancos<sup>1</sup>.

O movimento Black Lives Matter trouxe à luz as notáveis disparidades raciais nas organizações sociais, e o documento In Plain Site, na parte oeste do Canadá, enfatiza a forma sutil e prejudicial do racismo nas nossas instituições de saúde<sup>2</sup>.

A discriminação racial é um desafio que ocorre em várias comunidades ao redor do planeta. A batalha contra o racismo é uma questão essencial e urgente para o desenvolvimento de uma sociedade mais equitativa e justa. Nesse contexto, as inovações e tecnologias podem ter um papel crucial na promoção do antirracismo. Discutir racismo na enfermagem apresenta um desafio, uma vez que essa profissão se formou sob uma perspectiva europeia, branca e cristã. Além disso, por ser uma área predominantemente

feminina, a enfermagem surgiu como uma categoria de submissão à medicina, que era amplamente dominada por homens na época<sup>3</sup>.

O racismo pode aparecer de maneiras diversas, entre as quais se destaca a discriminação direta, também chamada de racismo interpessoal ou individual. Isso envolve interações discriminatórias que são percebidas de forma direta entre as pessoas, ocorrendo tanto em locais públicos quanto privados, onde indivíduos enfrentam várias formas de violência em razão de sua cor ou etnia. Entretanto, é simplista analisar o racismo apenas pela conduta do outro; é fundamental considerar também a dimensão institucional, onde as entidades operam de maneira que favorece o tratamento desigual, resultando em desvantagens e privilégios fundamentados na raça. Isso se exemplifica na desconfiança que agentes de segurança e empresas manifestam em relação a indivíduos negros<sup>4</sup>.

Discutir racismo na área de enfermagem é complicado, já que essa é uma profissão que se desenvolveu sob uma perspectiva branca, cristã e europeia. Ademais, por ser um campo predominantemente feminino, a enfermagem emergiu como uma categoria subordinada à medicina, que era dominada por homens naquele período<sup>5</sup>.

A introdução do letramento racial nos cursos de formação de profissionais da saúde é necessária, pois 56,1% da população brasileira é composta por pessoas negras, que representam 67% dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, a Resolução Nº 569, de 8 de dezembro de 2017, do Conselho Nacional de Saúde, estabeleceu princípios que devem ser integrados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação na área da saúde. Essa

resolução destaca a importância de abordar temas interdisciplinares que contemplem saberes, experiências e reflexões sobre as relações étnico-raciais, a história da cultura afrobrasileira e africana, além das tradições dos povos indígenas e direitos humanos, incluindo os direitos de pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. No entanto, os programas de formação nas escolas de saúde, sob a alegação de que existe uma suposta homogeneidade entre os seres humanos, ignoram e ocultam grupos específicos, mantendo uma perspectiva colonial e eurocêntrica na prestação de serviços de saúde<sup>6</sup>.

A enfermagem, enquanto entidade educacional que visa cuidar de forma abrangente a promoção da saúde, a proteção e a cura de enfermidades nas várias etapas do desenvolvimento humano, ainda enfrenta muitos desafios para implementar uma educação realmente transformadora<sup>5</sup>.

Considerando a importância do assunto, este estudo visa relatar a importância da educação antirracista na enfermagem, abordando os desafios e propondo estratégias para sua implementação.

## Material e Método

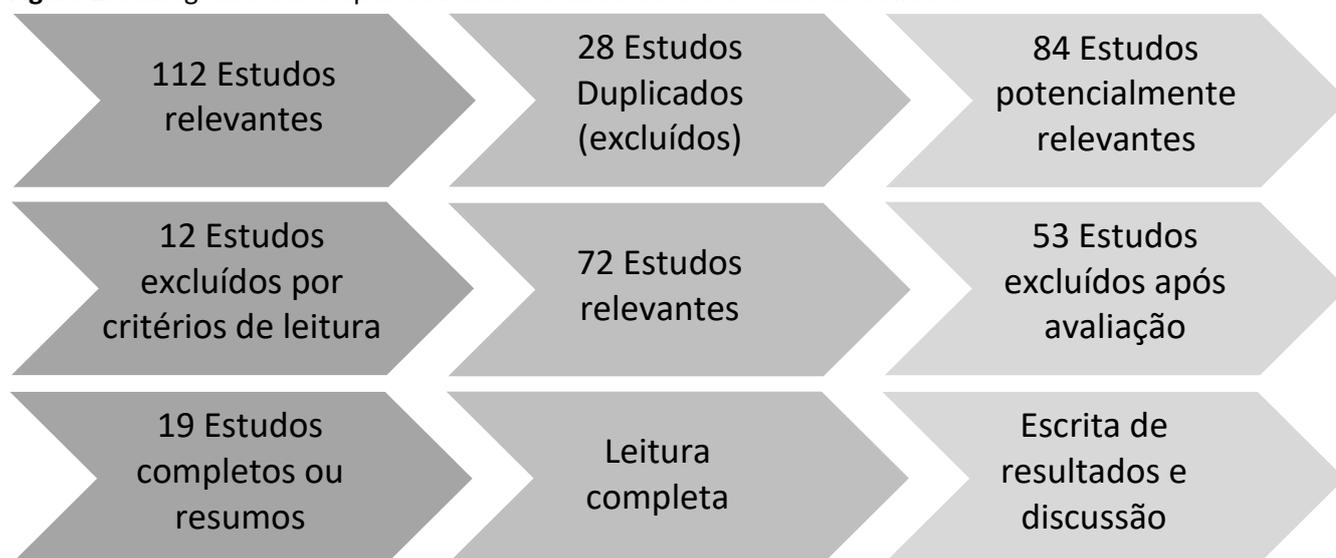
Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura. As etapas desta revisão foram fundamentadas em protocolo previamente estabelecido, visando manter o rigor científico e metodológico.

A pesquisa foi realizada nas bases de dados como SciELO, LATINDEX, REDIB, BDNF, por meio dos seguintes palavras-chave: letramento racial, cuidado de enfermagem, racismo, educação antirracista.

Foram considerados critérios de inclusão, artigos publicados entre 2016 e 2024, disponíveis na íntegra em língua portuguesa.

Para a exclusão de resultados foram utilizados fatores como: duplicidade, resultados distintos do tema abordado. Após análise dos resultados encontrados, seus conteúdos foram classificados por conformidade com os objetivos e temas de estudo. Na figura 1, é apresentado o fluxo para seleção dos estudos.

**Figura 1.** Fluxograma das etapas de inclusão e exclusão dos estudos escolhidos.



Fonte: Próprio autor.

A apresentação dos resultados e discussão dos dados obtidos foi realizada de forma descritiva, possibilitando a avaliação da aplicabilidade da revisão da literatura, buscando impactar positivamente a prática da enfermagem, fornecendo dados relevantes sobre tema em estudo.

## Resultados e Discussão

Os estudos selecionados estão sintetizados no quadro 1, conforme ano de publicação, autoria, objetivo e periódico.

O racismo pode ser visto como um sistema, dada sua ampla e complexa atuação, seu modo de organização e desenvolvimento através de estruturas, políticas, práticas e normas capazes de definir oportunidades e valores para pessoas e populações a partir de sua aparência. O racismo internalizado traduz a “aceitação” dos padrões racistas pelas

pessoas, incorporando visões e estigmas. O racismo interpessoal se expressa em preconceito e discriminação, condutas intencionais ou não entre pessoas<sup>7</sup>.

O racismo tem efeitos deletérios sobre a saúde da população negra ao naturalizar a inferiorização pela diferença e impor uma assistência em saúde desigual. Além disso, por sua abrangência e seu potencial discriminatório, ele penetra diferentes níveis da vida humana, promovendo a destituição dos direitos civis dessa população. Por isso, uma atuação profissional que não se apropria da compreensão desse sistema assenta sua prática em um campo político-ideológico que reproduz a desvalorização da vida<sup>8</sup>.

A figura 2 nos ajuda na compreensão do racismo nas dimensões pessoais, interpessoais e institucionais.

Figura 2. Dimensões do racismo.



Fonte: Lima, Antonio, Silva, Souza, 2022.

Após a extinção da escravidão em 1888 e a declaração da República em 1889, os afrodescendentes saíram da condição de escravizados e começaram a enfrentar a exclusão social, tendo seu direito de cidadania negado. O período pós-abolição é caracterizado por iniciativas e políticas governamentais que mantinham os negros em uma posição de inferioridade, sem acesso à terra, formação ou emprego. Sem ações de inclusão, a população negra no Brasil ficou sem acesso ao trabalho, saúde ou educação<sup>9</sup>.

A questão da população negra no Brasil se torna um tema de análise na saúde e cientificamente, dada a relevância das teorias racialistas na educação e na prática da medicina. Isso é evidenciado por médicos renomados que, respaldados pela legitimidade científica - referida como racismo científico - sustentaram a ideia de que existem raças diferentes e como a sociedade deveria percebê-las. Entender essa complexidade das teorias raciais, destacando o papel do determinismo biológico, expõe as dificuldades que as iniciativas científicas e sociais da população negra enfrentam ao argumentar que a raça é uma construção social. Isso ressalta claramente que o determinismo biológico é outra faceta do racismo que permanece em nossa sociedade, representando um obstáculo ainda na elaboração de currículos, na formação de profissionais e nas experiências práticas em saúde<sup>10</sup>.

No setor da saúde, as disparidades raciais se revelam de maneira especialmente evidente, impactando a população negra de forma desproporcional. A continuidade das injustiças raciais na saúde é um reflexo de uma herança de discriminação e marginalização que continua ao longo

dos anos. Assim, a população negra encontra obstáculos consideráveis para obter serviços de saúde adequados, levando a indicadores de saúde mais baixos e a uma maior susceptibilidade a várias enfermidades<sup>11</sup>.

A luta contra o racismo requer a adoção de atitudes antirracistas que sejam coletivas e interdisciplinares. É importante destacar que, nesse contexto, a saúde pública e a medicina desempenham um papel significativo na formação do pensamento racial no Brasil. As principais teorias raciais, que têm uma base biologicista e que impulsionaram o racismo estrutural, foram analisadas de maneira científica por essas áreas. Por isso, é responsabilidade delas desenvolver teorias, ações e políticas sobre como compreender o ser humano e seus processos de saúde na atualidade, levando em conta os determinantes sociais, onde a raça é um elemento essencial que contribui para as desigualdades em saúde<sup>10</sup>.

O fenômeno do racismo institucional tem um impacto significativo sobre as comunidades negras, uma vez que se torna evidente a falta de visibilidade das doenças que prevalecem nesses grupos étnicos. Nos setores de saúde, a presença do racismo institucional manifesta-se na limitação do acesso à saúde para a população negra, nas discrepâncias marcantes no tratamento de condições que afetam predominantemente os negros, como a anemia falciforme, na qualidade dos serviços de saúde prestados e na ausência de uma abordagem racial na formação continuada dos profissionais de saúde. É importante destacar que um dos fundamentos do Sistema Único de Saúde (SUS) é a equidade, isto é, os serviços de saúde devem providenciar cuidados

adequados e diferenciados, com o objetivo de mitigar as vulnerabilidades sociais que, no caso da população negra, resultam do histórico de marginalização social, econômica, política e cultural a que foram submetidos<sup>12</sup>.

A enfermagem desempenha um papel essencial na promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde, respeitando e defendendo a vida, a dignidade e os direitos humanos em todas as suas vertentes. Isso quer dizer que as atividades dos profissionais de enfermagem devem levar em conta e agir diretamente sobre as desigualdades em saúde que afetam a população negra, assim como outras comunidades em condição de vulnerabilidade. Como um agente crucial na mudança de abordagem do cuidado à saúde de grupos vulneráveis, a enfermagem pode atuar de acordo com as diretrizes e orientações na área da saúde. Contudo, é imprescindível um planejamento fundamentado em dados de morbidade e mortalidade, que indicam índices mais elevados entre a população negra. No entanto, existe uma lacuna no conhecimento e na disposição dos profissionais de enfermagem em relação a essa população, resultado da falta de inclusão do tema nos currículos de cursos de graduação, pós-graduação e programas de educação continuada nos serviços de saúde<sup>8</sup>.

É essencial entender que a escola, como parte da sociedade, também é um local onde o racismo se manifesta. No contexto escolar, a proposta de uma educação antirracista visa eliminar preconceitos, discriminações e tratamentos desiguais. Portanto, estereótipos e concepções errôneas, que podem estar presentes em materiais didáticos e no corpo de estudantes e professores, precisam ser fortemente

contestados e removidos. Essa é uma abordagem que promove o reconhecimento da igualdade nas relações. A implementação de uma educação antirracista junto ao trabalho pedagógico dos educadores nas escolas é crucial para transformar essa realidade de preconceito que afeta a população negra no Brasil. Assim, preconceitos e discriminações que emergem nas instituições de ensino devem ser abordados, refletidos e discutidos de forma colaborativa entre professores, alunos e a comunidade escolar, a fim de que novas atitudes e ideias possam fomentar um ambiente de igualdade e respeito para os grupos negros, combatendo a reprodução e a naturalização de preconceitos em contextos educacionais<sup>13</sup>.

Refletir sobre uma educação antirracista no ambiente universitário, portanto, deve considerar a difusão desse saber, bem como outros conhecimentos de culturas tradicionais e de povos indígenas, que possuem valores civilizatórios e que visam a construção de novos mundos que vão além de um Ocidente que é eurocêntrico e autodestrutivo. Não é possível imaginar essa educação sem basear-se em um novo modelo de sociedade. Ao enfatizar o papel crítico e transformador da educação associado a um projeto que busca libertar das opressões e problemas sociais, é mais essencial do que nunca que professores e alunos entendam as diversidades, com o intuito de desenvolver conhecimentos que solidifiquem a educação como uma prática de liberdade<sup>14</sup>.

Para fomentar um ambiente de aprendizagem e um método de ensino que priorize a totalidade do cuidado e a igualdade racial, é essencial reconhecer o racismo como um elemento que influencia a formação da subjetividade de toda a população brasileira. O

letramento racial é visto como uma via para entender os efeitos do racismo. Em síntese, são sugeridas cinco iniciativas: reconhecer os privilégios associados à branquitude em uma sociedade marcada pela raça; compreender o racismo como uma prática contemporânea que persiste e se perpetua nas interações sociais; perceber a raça como um conceito social em constante transformação; adotar e propagar uma linguagem e uma gramática raciais, notando opressões que foram naturalizadas em discursos e expressões; e desenvolver a habilidade de analisar situações, práticas e códigos de forma racializada, para identificar possíveis normalizações que perpetuam o racismo<sup>9</sup>.

A educação antirracista enfrenta um grande obstáculo: como combater algo que é visto como uma condição de imparcialidade? Pode-se afirmar que o princípio da igualdade, que foi consagrado como direito na Constituição, protege todos os indivíduos independentemente de raça, gênero, classe social, entre outros fatores. Contudo, há a urgência de reavaliar a história e apresentar uma nova perspectiva e narrativa que reconheça verdades através do revisionismo histórico, com o intuito de superar essa ilusória neutralidade/igualdade racial. Essa ilusão de neutralidade dificulta e restringe as discussões baseadas nas diversidades. Assim, a perspectiva dominante eurocêntrica encarou a igualdade de sua própria ótica, enquanto o planeta e suas divisões geofísicas, políticas, sociais e econômicas são muito distintas, o que torna impossível a existência de igualdades (incluindo a racial)<sup>15</sup>.

É fundamental identificar essas contradições e modificar os processos de formação para que sejam mais inclusivos, sensíveis às culturas e críticos em

relação às hierarquias de poder colonial. Isso envolve a revisão dos currículos, das abordagens pedagógicas e das práticas institucionais, a fim de assegurar que não apenas capacitem profissionais competentes, mas também incentivem a conscientização sobre as repercussões coloniais nas práticas de assistência<sup>16</sup>.

Ao rejeitar a ideia de neutralidade na educação em enfermagem, é possível aprofundar e expandir os debates. Com uma nova abordagem epistemológica, direcionamos nosso olhar para uma base teórica reimaginada que, mantendo uma visão dialética, desafia o racismo acadêmico comum enfrentado por alunos e professores negros na área da enfermagem. Essa visão sobre a formação em enfermagem pretende traçar estratégias para eliminar os privilégios associados à branquitude e assegurar igualdade de acesso e oportunidades para indivíduos que não são brancos<sup>15</sup>.

A ética contra o racismo precisa ser fundamental nos processos de formação em saúde e ensino. Isso implica não apenas a conscientização do racismo, mas também a tomada de medidas efetivas para combater esses sistemas opressivos. Isso requer a criação de práticas de cuidado que considerem as vivências e demandas das pessoas afetadas pelo racismo. Assim, a educação tem uma função crucial na desconstrução da colonialidade. As instituições de ensino frequentemente favorecem visões eurocêntricas, excluindo saberes de culturas indígenas, africanas e de outras tradições não ocidentais<sup>17</sup>.

Para aumentar a aplicação de tecnologias e inovações na luta contra o racismo, é fundamental que as autoridades governamentais implementem estratégias que apoiem a investigação, a fiscalização e a criação dessas soluções, promovam a inclusão tanto

digital quanto tecnológica de comunidades marginalizadas, incentivem a diversidade no campo tecnológico e façam aportes em um ensino que seja inclusivo e antirracista. Apenas por meio da incorporação dessas orientações será viável empregar as tecnologias como parceiras na edificação de uma sociedade mais justa e isenta de preconceitos raciais<sup>3</sup>.

A implementação da educação antirracista enfrenta barreiras como resistência institucional, falta de preparo dos docentes e ausência de políticas públicas específicas. No entanto, é possível superar

esses desafios por meio de iniciativas como: capacitação docente (cursos e treinamentos que preparem os professores para abordar questões raciais de maneira efetiva); revisão curricular (inclusão de disciplinas e conteúdos específicos sobre saúde da população negra e antirracismo); incentivo à pesquisa (fomento a estudos sobre o impacto do racismo na saúde e sobre práticas antirracistas na enfermagem)<sup>18</sup>.

O quadro 1 traz algumas ideias práticas que podem ser usadas para uma promoção e formação antirracista.

**Quadro 1.** Ideias práticas uma promoção e formação antirracista.

<b>Educação antirracista</b>	Importante promover uma educação que combata o racismo desde cedo, ensinando sobre a diversidade racial, as injustiças históricas e a necessidade de igualdade entre todas as pessoas.
<b>Inclusão no mercado de trabalho</b>	Fundamental lutar por políticas e práticas que promovam a igualdade de oportunidades no trabalho, garantindo a representatividade e o acesso igualitário às posições de liderança.
<b>Combate ao preconceito nas instituições</b>	Necessário confrontar o racismo e a discriminação dentro das instituições, promovendo ações afirmativas e adotando medidas que garantam a equidade racial.
<b>Engajamento político antirracista</b>	Importante apoiar e eleger líderes políticos e legislações que sejam comprometidos com a luta contra o racismo, fortalecendo a representação e as políticas públicas voltadas para a igualdade racial.
<b>Valorização da cultura afrobrasileira</b>	Fundamental promover a valorização da cultura afro-brasileira, reconhecendo e respeitando suas contribuições históricas, artísticas e sociais.
<b>Fortalecimento das organizações antirracistas</b>	Necessário apoiar e fortalecer organizações que atuam na promoção da igualdade racial, fornecendo recursos e visibilidade para suas ações.
<b>Conscientização e enfrentamento do racismo estrutural</b>	Fundamental reconhecer que o racismo não é apenas uma questão individual, mas também estrutural, enraizado nas instituições e nas políticas públicas. É preciso enfrentar essa realidade e trabalhar para sua transformação.
<b>Combate ao racismo no sistema de justiça</b>	Importante lutar contra o racismo no sistema de justiça, garantindo que todos sejam tratados de forma justa e igualitária, independentemente de sua origem racial.
<b>Promoção de campanhas de conscientização</b>	Necessário desenvolver campanhas de conscientização que ajudem a combater estereótipos e preconceitos raciais, promovendo a empatia e a sensibilização sobre a importância da igualdade racial.
<b>Combate à violência racial</b>	Crucial lutar contra a violência racial, garantindo a segurança e a proteção de todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica.
<b>Redução das desigualdades socioeconômicas</b>	Fundamental combater as desigualdades socioeconômicas que afetam as pessoas negras de forma desproporcional, garantindo acesso a oportunidades de trabalho, educação e saúde.
<b>Ampliação do diálogo interracial</b>	Importante incentivar o diálogo e as trocas entre pessoas de diferentes raças, promovendo a compreensão mútua e o respeito às diferenças.

Fonte: Ribeiro, Silva, Maçalai, Pinto, Silva Junior, Lima, et al. 2023.

Os processos formativos em educação e saúde desempenham um papel central na promoção de práticas de cuidado decoloniais. Eles não apenas preparam profissionais competentes, mas também são uma oportunidade de desafiar e transformar as estruturas de poder coloniais que ainda persistem. A incorporação de perspectivas decoloniais nos processos formativos e a promoção de práticas de cuidado sensíveis à cultura e à justiça social são passos essenciais em direção a um sistema de saúde e educação verdadeiramente inclusivo e emancipador<sup>17</sup>.

A introdução de questões antirracistas e da discussão sobre interseccionalidade no curso de enfermagem demonstra ser uma ferramenta eficaz para promover os entendimentos sobre raça, gênero e classe entre professores, profissionais administrativos e alunos. Isso aumenta a consciência sobre a função social que os futuros enfermeiros devem desempenhar e possibilita a comunicação, por meio de ações práticas, da importância de capacitar as pessoas para assegurar vidas antirracistas e feministas<sup>19</sup>.

É essencial destacar que o combate ao racismo é uma responsabilidade compartilhada e permanente. Nesse contexto, a aplicação de tecnologias e inovações precisa ser associada a iniciativas políticas, educativas e sociais, com o objetivo de criar uma sociedade mais justa e acessível. A análise crítica sobre como as tecnologias podem ajudar na luta contra o racismo representa um progresso significativo para a conscientização e mudança social, ajudando na formação de um futuro mais equitativo e diverso<sup>3</sup>.

## Conclusão

A educação antirracista no contexto da enfermagem é uma necessidade urgente para combater as desigualdades de saúde e promover o cuidado inclusivo. Incorporar essa abordagem nos currículos acadêmicos e na prática clínica é um passo fundamental para garantir que todos os indivíduos, independentemente de sua raça, recebam cuidados dignos e de qualidade.

A educação antirracista na enfermagem, além de uma responsabilidade ética, contribui para uma sociedade mais justa, onde o cuidado à saúde respeita e valoriza todas as vidas. Essa transformação exige esforços coordenados entre instituições de ensino, profissionais da saúde e políticas públicas.

A educação antirracista na enfermagem é uma ferramenta poderosa para transformar práticas de cuidado e promover justiça social no sistema de saúde. Ao integrar essa perspectiva, os profissionais de enfermagem estarão mais preparados para oferecer um atendimento humanizado e equitativo, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa.

Com base na pesquisa, observou-se uma escassez de produção acadêmica a respeito do tema, portanto, é necessário incentivar estudantes e especialistas da área de enfermagem a escrever e publicar novos artigos e estudos.

## Referências

1. Oliveira MT, Santos FC. Racismo estrutural e saúde da população negra no Brasil. Saúde em Debate. 2020; 44(3):12-20.
2. Epp H, Dordunoo D, Dompierre KA, Cundiff V, McBride C, Magassa M. Usando a educação baseada em simulação para melhorar a aprendizagem antirracista em enfermagem. Rev

Enferm Contemp. 2024; 13:e5770.

3. Ribeiro ET, Silva JRR, Maçalai G, Pinto AM, Silva Junior GC, Lima CP, et al. Tecnologias e inovações na promoção do antirracismo: uma análise interdisciplinar para a construção de uma sociedade inclusiva. Rev Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. 2023; 9(7):1292-1300.

4. Santos IN, Black TLP, Silva KV, Santos CFBF. O racismo estrutural e seu impacto na saúde do adolescente afrodescendente brasileiro. Physis: Rev Saúde Coletiva. 2024; 34:e34025.

5. Silva LSAH, Tavares CMM, Paiva LM, Silva TN, Ferreira MM. Metodologias Ativas no ensino-aprendizagem de práticas antirracista na enfermagem. Rev Pró-UniverSUS. 2023; 14(1); 107-111.

6. Santa Rosa PLF, Oliveira JSR. Reflexões sobre letramento racial para profissionais de saúde. In: Semana da Enfermagem-2024: "romper bolhas no mundo atual". Instituto Enfservic. 2024; 3(3):21.

7. Werneck J. Racismo institucional e saúde da população negra. Saúde Soc São Paulo. 2016; 25(3):535-549.

8. Lima BS, Antonio MARL, Silva BP, Souza ES. Cuidados de enfermagem à população negra. In: Rocha ESC, Toledo NN, Pina RMP, Pereira RSF, Souza ES, (Orgs). Enfermagem no cuidado à saúde de populações em situação de vulnerabilidade. Brasília, DF: Editora Aben. 2022; 40-54.

9. Borret RH, Araujo DHS, Belford PS, Oliveira DOPS, Vieira RC, Teixeira DS. Reflexões para uma Prática em Saúde Antirracista. Rev Brasileira Educação Médica. 2020; 44(sup.1):e0148.

10. Cabral MPG, Batista MH, Gomes NA, Fontenele ACT, Rocha RC. Educação médica, raça e saúde: o que falta para a construção de um projeto pedagógico antirracista? Rev Brasileira Educação Médica. 2022; 46(3):e133.

11. Oliveira LGF, Fracolli LA, Coelho TPB, Silva JS, Báfica MS, Santos CC, et al. Reflexões e perspectivas das desigualdades raciais e a saúde da população negra. Rev JRG Estudos Acadêmicos. 2024; 15:e151188.

12. Santos SMF, Maia LFS. Saúde da população negra na formação profissional em enfermagem. São Paulo: Rev Remecs. 2024; 2(Spe):58-65.

13. Rosa GA, Moraes DM, Nascimento Junior VM. Educação antirracista na perspectiva decolonial: no cenário da laicidade no mundo contemporâneo. Rev Cocar. 2022; 17(35):1-19.

14. Silva KJD, Coelho CT, Heidemann ITSB. Carta a várias mãos para uma educação antirracista: a você, colega de universidade. Campo Grande: Série-Estudos. 2024; 29(66):249-265.

15. Silva LSAH, Ferreira MM, Silva TN. Construindo uma narrativa antirracista para a formação em enfermagem: relato de experiência de uma ação afirmativa em sala de aula. Rev Eletr Enferm. 2023; 25:73996.

16. Araújo JM, Costa KAOD, Silva FCCM, Gervais AMD. Relação entre território e residência em saúde: uma possibilidade de experiência decolonial? Saúde em Debate. 2023; 46:196-206.

17. Oliveira LGF, Fracolli LA, Pereira TZ, Farias LG. Processos formativos em educação e saúde nas práticas de cuidado decoloniais. Práticas e Cuidado: Rev Saúde Coletiva. 2023; 4(e18532):1-12.

18. Lopes CS, Almeida RT. Educação antirracista na enfermagem: desafios e possibilidades. Rev Brasileira Enferm. 2021; 74(2):305-313.

19. Silva LGA, Santos EB, Nogueira MSF, Santos DA, Souza Júnior BL, Azevedo CL. Educação antirracista e saúde da mulher: um relato de experiência sobre a prática docente no curso superior de enfermagem. 2024. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/11949>>.